

Aqui, as reações mais pesadas, segundo a imprensa internacional.

O novo plano proposto ontem em Viena pelo ministro da Fazenda do Brasil, Bresser Pereira, para fazer frente à dívida externa foi recebido com ceticismo em Nova York, nos círculos bancários e pela imprensa financeira. "A nova proposta brasileira é considerada perigosamente radical e inaceitável pelos bancos credores", disse ontem **The Wall Street Journal**, num artigo de seu correspondente em Viena, enquanto o **The New York Times** publicava um artigo com o seguinte título: "O plano brasileiro toma um rumo curioso". O correspondente do **The Journal of Commerce** informou que um banqueiro internacional radicado em São Paulo considera "absolutamente absurdos" os regulamentos propostos para a conversão de algumas dívidas brasileiras em investimentos.

The Wall Street Journal assinala a "notável ausência" de dois altos funcionários norte-americanos na Conferência de Viena: o secretário adjunto da Fazenda, David Mulford, e o presidente do banco da Reserva Federal de Nova York, Gerald Corrigan. E comenta que ambos faltaram devido a "compromissos anteriores", mas acrescenta "o Brasil poderá encontrar certo respaldo nos Estados Unidos para sua nova posição". O jornal diz que o senador Bill Bradley (democrata de Nova Jersey), que assistiu à reunião, negou-se a comentar as propostas concretas do Brasil, até conhecer o texto completo. Mas informa que ele sustentou que "o mundo tem de oferecer maior alívio para os países seriamente endividados".

O ministro Bresser Pereira terá agora uma reunião em Washington com o secretário do Tesouro, James Baker (foto) e com outros altos funcionários norte-americanos, para discutir o problema da dívida brasileira. Ele propôs a emissão de bônus a um preço

que descontaria parte do valor nominal, mas **The Wall Street Journal** observa que isso "ameaçaria tumultuar os acordos creditícios de outros países e teria um sério impacto nos lucros dos bancos norte-americanos."

O mesmo jornal comenta que Richard Huber, executivo do Citicorp de Nova York, ao ler um artigo que resumia o plano brasileiro, teria exclamado: "Uma loucura, isso é uma loucura".

O Citicorp preside a um comitê de bancos que negocia com o Brasil em representação de centenas de bancos credores em todo o mundo. **The Wall Street Journal** acrescenta que "a proposta brasileira, se for aceita, poderia ter como resultado que os bancos deveriam absorver perdas de uns US\$ 16,5 bilhões, somente em relação ao Brasil, e provavelmente mais, à medida que outros países busquem acordos similares. Mesmo com os US\$ 22 bilhões que os bancos norte-americanos e ingleses já estabeleceram como reservas contra possíveis perdas, desde maio, tais perdas não poderiam ser enfrentadas por muitos grandes bancos norte-americanos".

"Mais imediatamente, a proposta brasileira em si, sem levar em conta as consequências finais, ameaça a operação de emissão de US\$ 1 bilhão em ações, que o Citicorp projeta lançar nas próximas semanas. Os investidores poderiam abster-se de comprar as ações, caso semelhante proposta fosse discutida entre o Brasil e seus credores", acrescenta.

